

ANÁLISE DO CONHECIMENTO SOBRE ESPOROTRICOSE EM COMUNIDADE EM VULNERABILIDADE SOCIAL EM MUNICÍPIO ENDÊMICO DO RS

GABRIELLE OTT MARTINS¹; TÁBATA PEREIRA DIAS²; NIELLE VERSTEG³;
MARIA EDUARDA RODRIGUES⁴; GABRIELE DA COSTA OLIVEIRA⁵; MARLETE
BRUM CLEFF⁶

¹*Universidade Federal de Pelotas – gabrielleottmartins@outlook.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – tabata_pd@yahoo.com.br*

³*Universidade Federal de Pelotas - nielle.versteg@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - eduarda.rodrigueset@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas - gabriele.costamv08@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – marletecleff@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O convívio entre humanos e animais é extremamente relevante quando se trata de saúde pública, uma vez que os animais podem ser fontes de infecção e atuarem na transmissão de doenças aos seres humanos. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2023), pelo menos 75% das doenças infecciosas emergentes das pessoas são de origem animal, entretanto, a grande maioria dos tutores não apresenta conhecimento sobre zoonoses. Algumas zoonoses como a raiva, leishmaniose, leptospirose, toxoplasmose e esporotricose são causas importantes de óbito, se caracterizando como enfermidades de grande importância dentre as transmitidas por cães e gatos (OLIVEIRA-NETO et al., 2018).

A esporotricose tem sido descrita com frequência em felinos na região Sul do estado do Rio Grande do Sul, sendo relatada mais frequentemente nos municípios de Pelotas e Rio Grande (MADRIDL, ECCKER, SOUZA, 2017; XAVIER, 2019). A região é hiperendêmica para a enfermidade, tendo sido descritos casos desde a década de 90, com aumento considerável nos relatos nos últimos anos (XAVIER, 2019). A esporotricose felina precede o aumento de casos em humanos e a situação epidemiológica da doença se tornou um problema alarmante de saúde única (ZAMBONI et al., 2022).

Mesmo ocorrendo expansão geográfica da doença no país, a notificação compulsória é feita apenas nos estados do RJ e PB, além dos municípios de Guarulhos (SP) e Salvador (BA), tornando a enfermidade preocupante em relação ao controle e prevenção (BRASIL, 2014; BRASIL, 2016; BRASIL, 2017; BRASIL, 2018). A ausência de programas de controle e a falta de conhecimento pela maioria da população contribuem para o aumento do número de casos em humanos e animais. Ações de educação e informações sobre a enfermidade junto à comunidades, podem contribuir para reduzir a disseminação da mesma, através de esclarecimentos quanto às formas de prevenção, apresentação clínica da doença e condutas assertivas durante o tratamento dos animais (GREMIÃO et al., 2020).

Diante da relevância da esporotricose para a saúde, o objetivo do trabalho foi avaliar o conhecimento de tutores de animais provenientes de uma comunidade em vulnerabilidade social de Pelotas em relação à enfermidade.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no período de julho a setembro de 2023. A amostragem dos entrevistados foi por conveniência, participando do estudo tutores e acompanhantes dos animais que passaram por atendimento clínico veterinário no ambulatório da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Pelotas, localizado próximo ao centro da cidade na comunidade Ceval, em Pelotas/RS.

Os dados foram obtidos mediante aplicação de questionário estruturado, contendo trinta e nove questões abertas. Dentre essas questões, vinte abordaram informações socioeconômicas referente aos tutores e/ou acompanhantes e manejo dos animais, e outras dezenove questões eram referentes ao conhecimento prévio desses sobre a enfermidade, como: agente etiológico, formas de transmissão, sinais clínicos, tratamento e medidas de prevenção. Os questionários foram aplicados de forma individual, mediante assinatura prévia de termo de consentimento. As perguntas foram realizadas com natureza exploratória, permitindo que o entrevistado respondesse sem ser induzido com opções preestabelecidas.

Após conclusão da entrevista, foi disponibilizado aos participantes da pesquisa, informações referentes à enfermidade juntamente com a oferta de um *flyer* elaborado contendo dados sobre o agente etiológico da doença, sinais clínicos, forma de transmissão, cuidados para prevenção e imagens que caracterizavam as lesões em felinos e em humanos, ou seja, os tópicos abordados no questionário. Os dados obtidos nos questionários foram transcritos para o programa computacional *Microsoft Excel®* e realizada análise descritiva dos mesmos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 20 entrevistados, 17 (85%) eram mulheres e três (15%) eram homens com a faixa etária variando entre 18 e 76 anos. Em relação à escolaridade, dois (10%) dos participantes não eram escolarizados, sete (35%) tinham ensino fundamental incompleto, cinco (25%) ensino fundamental completo, cinco (25%) possuíam ensino médio completo e apenas um (5%) completou o ensino superior. Em estudo realizado por CARDOSO (2016), detectou-se uma correlação positiva entre o nível de escolaridade e o nível de conhecimento sobre algumas doenças analisadas. Quando questionados sobre a média salarial familiar, 20 (100%) afirmaram receber até dois salários mínimos. Segundo SANCHOTENE *et al.* (2015), uma característica clássica da esporotricose em felinos é a ocorrência em áreas urbanas caracterizadas por saneamento e moradia precários e pouco ou nenhum acesso aos serviços de saúde, o que corrobora com as condições presentes na população entrevistada, onde em sua maioria tinham pouca instrução escolar e baixa média salarial.

Do total de 20 pessoas entrevistadas, nove (45%) afirmaram saber o que é esporotricose, enquanto 11, que representa a maioria (55%), responderam não saber. Sobre o agente causador da enfermidade, apenas seis entrevistados (30%) afirmaram ter conhecimento e dentre esses, quatro (66,7%) acreditavam se tratar de uma infecção fúngica, um de uma infecção bacteriana (16,66%) e um de uma infecção viral (16,66%). Dentre os entrevistados, 18 (90%) afirmaram ter

conhecimento sobre se tratar de uma doença contagiosa e 13 (65%) afirmaram saber que a enfermidade é uma zoonose.

Quando questionados se sabiam como a esporotricose era transmitida, 12 (60%) dos entrevistados responderam não saber e oito (40%) afirmaram conhecer as formas de transmissão, dentre esses a arranhadura foi citada por oito (100 %) participantes e mordedura por seis (75%). Já o sangue, a água e alimentos contaminados, objetos contaminados, lambedura e espinhos foram citados por apenas um (12,5%) participante. A forma mais comum de infecção da micose é por meio de mordidas e arranhaduras por um animal contaminado, entretanto, a doença também pode ser adquirida através da contaminação das unhas dos gatos através do ato de escavar solo contaminado, por contato com matérias de origem vegetal contaminadas como troncos de árvore e, este animal pode disseminar a doença para os contactantes, ainda a contaminação pode ocorrer por perfuração accidental com espinhos ou farpas que contêm o *Sporothrix* spp. (LARSSON, 2011). A desinformação sobre as possíveis formas de infecção pelo fungo traz maior risco de contaminação tanto para animais como para humanos. Quanto aos sinais clínicos apresentados por animais infectados, 12 (60%) das pessoas, afirmaram não ter conhecimento, enquanto oito (40%) responderam que conheciam os sinais clínicos, sendo que todos acreditavam que seria baseado em feridas ulceradas, provavelmente por ser a apresentação que foi observada mais frequentemente nos animais da comunidade. Em relação aos sinais clínicos em humanos, 16 (80%) dos entrevistados demonstraram não ter conhecimento sobre as características e, dos quatro (20%) que afirmaram conhecer os sinais, todos citaram lesões cutâneas e uma citou espirro. Conforme SCHUBACH *et al.* (2004), a esporotricose apresenta inúmeras manifestações clínicas, que variam de uma forma subclínica podendo evoluir para lesões cutâneas múltiplas e até comprometimento sistêmico. A falta de conhecimento dos tutores sobre a apresentação clínica da doença, pode levar a uma procura tardia ao atendimento médico e veterinário, corroborando para a evolução da doença nas espécies susceptíveis.

Sobre os cuidados para a prevenção, 14 (70%) dos participantes responderam não saber formas de prevenir a enfermidade e seis (30%) afirmaram saber as formas de prevenção, tendo sido citadas ações como: manter animais domiciliados, tratamento e isolamento de animais doentes, incineração de cadáveres suspeitos da doença, castração de animais, uso de luvas ao manipular solo e uso de equipamentos de proteção individual (EPI) ao manejar animais com lesões cutâneas. Segundo OLIVEIRA-NETO (2018), a prevenção das zoonoses começa com a conscientização da população, já que o desconhecimento colabora para a propagação da enfermidade, ressaltando a importância de uma maior divulgação e informação à população sobre a doença.

Quando abordados se conheciam alguém ou algum animal que tenha sido infectado, dez (50%) dos entrevistados afirmaram conhecer e dez (50%) responderam que não conheciam. Dos dez que haviam respondido conhecer alguém ou algum animal que havia se contaminado, oito comentaram conhecer gatos, um comentou de cão e um de humano. Esses resultados podem ter relação com a localidade em que os entrevistados vivem, considerando que se trata de uma área endêmica, além disso, como citado por GUTTIERREZ-GALHARDO (2015), os felinos são apontados como os principais

mamíferos acometidos com a doença, o que justifica os felinos terem sido citados por mais pessoas. Acredita-se que embora ainda não esteja atingindo o nível desejado, o conhecimento referente a enfermidade que a população do estudo possui, provavelmente está associado às campanhas e orientações que ocorrem sistematicamente no ambulatório durante as consultas e em ações educativas.

4. CONCLUSÕES

A esporotricose é uma micose de caráter zoonótico de extrema relevância no município de Pelotas, por ser endêmica. O fato de não ser uma doença de notificação compulsória na cidade não permite que se conheça a real dimensão do problema e, quando estes são aliados a desinformação sobre a enfermidade em comunidades como a do estudo, caracterizada como de baixo poder aquisitivo, condições precárias de subsistência o que corrobora com o aumento de casos enfatizando a necessidade de educação continuada da população no contexto de saúde única.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, T.C.M.; BASTOS, P.A.S. Avaliação do conhecimento de tutores de cães sobre leptospirose e uma reflexão sobre o papel do médico veterinário na educação sanitária. **Atas de Saúde Ambiental**. v. 4, p. 82-89, 2016.

DE OLIVEIRA-NETO, R.R., et al. Nível de conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses. **Revista de Salud Pública**, v. 20, p. 198-203, 2018.

GREMIÃO, I.D.F., et al. Geographic Expansion of Sporotrichosis, Brazil. **Emerging Infectious Diseases**, v. 26 n. 3 p. 621–624, 2020.

LARSSON, C. E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.

MADRIDL, M., et al. Status epidemiológico da esporotricose na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 3, p. 75-75, 2017.

SANCHOTENE, K.O., et al. *Sporothrix brasiliensis* outbreaks and the rapid emergence of feline sporotrichosis. **Mycoses**, v.,58 p. 652–658, 2015.

SCHUBACH, T.M., et al. Evaluation of an epidemic of sporotrichosis in cats: 347 cases (1998-2001). **Journal America Veterinary Medicine Association**. v. 224 n. 10 p. 9, 2004.

ZAMBONI, R., et al. Retrospective study of sporotrichosis in stray domestic cats (*Felis catus domesticus*) in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil, over a period of 10 years (2012 - 2022). Research, **Society and Development**, [S. I.], v. 11, n. 2, 2022.

XAVIER, M.O., et al. Desconhecimento de profissionais e ações de extensão quanto à esporotricose no extremo Sul do Brasil. **VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde**, [S. I.], v. 31, n. 1, p. 8–14, 2019.